

...E DEUS CRIOU O DECÁLOGO...

Por Reynaldo Bessa

Na Grécia antiga se você perguntasse a um grego por que ele não colocava no papel o seu trabalho poético, ele com certeza iria achar muito estranho. E talvez respondesse: “com que finalidade?” O grande barato era a voz; poesia, música e dança numa coisa só. A escrita desempenhava papel secundário. De lá pra cá muito coisa mudou. Hoje, muita gente quer ser escritor, certo, é louvável, mas na maioria das vezes esquece-se do passo fundamental para se embarcar nesse sonho. Sim, esquece-se que um escritor é antes de tudo um leitor. Portanto, antes de se por a escrever, Leia. O primeiro passo dessa saga é Ler. Além, claro, de diversos outros passos tão importantes quanto. Alguns alunos chegam à minha Oficina de Escrita Criativa dizendo que querem muito escrever porque estão lendo um livro muito bom sobre vampiros. E eu lhes pergunto: “e quais outros livros vocês já leram?” “Até agora, só esse”. Respondem. Tá, beleza... Ainda acredito que ensinar a escrever é como ensinar a andar: um passo de cada vez. Por isso, montei aqui o meu Decálogo – nem sei mais quantos já fiz até então – na tentativa de oferecer algumas dicas àqueles que intencionam perseguir esse ofício que já levou muita gente para o túmulo, sem reconhecimento, família, dinheiro... Nada. E também para dar algumas dicas sobre como se proteger dos vampiros. Ok? Segundo o Aurélio: Decálogo significa dez palavras. Essencialmente, as palavras que resumem a Lei, dada por Deus ao povo de Israel, por meio de Moisés. Estão vendo, né? A coisa é antiga, (Deus foi o primeiro escritor, e Moisés o primeiro editor), mas virou moda nos últimos tempos: Decálogo para um relacionamento feliz, O decálogo da saúde perfeita, O decálogo para acertar na Mega Sena, Dez passos para não envelhecer, Decálogo do sexo tântrico, Dez passos para parar de fumar em nove, Dez passos para amar a sogra, para emagrecer, para encontrar o par perfeito e por aí vai. Do que toca a escrita, Horácio Quiroga fez o seu: Decálogo do perfeito contista. Nesse livro, alguns escritores reconhecidos comentam os dez passos sugeridos pelo escritor Uruguaio, acerca do gênero conto. Resultado: ninguém concorda com ninguém. – vez em quando, sim, na maioria das vezes, não. – mas esse é o grande barato da proposta: o debate. O conto ganha mais um ponto. O livro serve como uma forma de tentar conter os excessos literários dos iniciantes no ofício da escrita, além, claro, de ser um belo documento literário de uma época. Tá valendo. Bom, como sempre costumo dizer: prefiro ser um escritor iniciante que um escritor em fase terminal. Até depois do fim, serei um iniciante. E todo escritor iniciante que se preza, dizem, precisa ter o seu decálogo. Então, herewego:

Primeiro passo -Leia: ler é descobrir, revelar, viajar, puro encantamento, povoar-se. Mas não leia apenas romances, contos, ou poesia, e muito menos só os seus autores preferidos. Fuce. Leia os clássicos, leia também sobre filosofia, enologia, etnologia, história, viagens, memórias, leia também obituários, e até bulas de remédios. Só não leia livro ruim. A vida é curta e a leitura é longa. Ah, mas como sei que o livro é ruim se ainda não o li? Com o exercício da leitura,

com a experiência, em apenas alguns parágrafos você já saberá quem é o indivíduo que tenta lhe subestimar. E outra coisa, não leia com pressa só para dizer que leu muitos livros. Seja um leitor atento, mantenha um olho clínico, cínico, crítico. O Fidel Castro era muito amigo de Hemingway e um de seus maiores leitores na época em que o autor do clássico, O velho e o mar, morou em Cuba. Fidel, leitor atento que era, apontou um problema de cálculo num tempo de viagem de um navio. Segundo Fidel aquilo era impossível... Coisa assim... Não se sabe ao certo o que o Hemingway argumentou. No mínimo foi tomar umas no LaFloridita. Enfim, leia o seu livro de cabeceira como se fosse o único livro existente na face da terra, até então. Aí, sim, depois de finalizado, passe para outro e outro e outro e...

Segundo passo -Escreva - reserve um tempo – pequeno que seja – todos os dias para escrever. E escreva. Sabendo desde já que escrever é rasgar, deletar, cortar. Escreva. Não fique pensando que escrever é muito difícil, porque é mesmo e ponto. Mas não se prenda a isso. E principalmente não espere o momento ideal para se por no ofício. Existe um diálogo em “O caso Morel” (meu preferido), do Rubem Fonseca, que é assim:

(...) “Preciso da sua ajuda”

“Diga como”

“Eu preciso escrever um livro - Matos não lhe falou?”

Morel reflete por instantes

“Estou arrasado”

“É assim mesmo que se escreve” (...).

A não ser que você esteja morto, não existem situações favoráveis ou desfavoráveis para o ofício da escrita. Escreva. No fim da vida, John Fante, diabético, cego e com as duas pernas amputadas, ditou todo o seu novo livro à esposa, Joyce, para que ela o escrevesse. Isso num leito de hospital. Também há uma grande chance de que Miguel de Cervantes tenha escrito Dom Quixote enquanto estava preso, ou pelo menos foi na cela, que pensou boa parte do livro. Então, não espere. Escreva.

Terceiro passo-Tenha um blog: nele você poderá publicar seus textos inéditos. E se quiser que alguém os leia, terá que atualizá-lo, no mínimo, semanalmente, para não correr o risco de o seu seguidor passar a seguir outras palavras. O blog é como a paixão: é voraz, e exige frequência. Isso tem um lado bom, pois o manterá no exercício da escrita: pensando, questionando, revisando, deletando, cortando, escrevendo e reescrevendo. Mas o tenha apenas como etapas, ou exercícios de aquecimento, preparação, laboratório. Apesar de toda essa agitação sobre o livro digital, ainda é o livro impresso que dá o status autoral.

Quarto passo -Fale do seu livro enquanto estiver escrevendo-o. Claro que alguns escritores não gostam e não fazem isso nem que lhes paguem, mas este é o meu decálogo, certo? Então, eu mostro. E reforço: a noiva deve, sim, mostrar o seu vestido antes do casamento. Nisso ela poderá até livrar-se de um mala pelo qual poderia arrepender-se pelo resto de sua vida. O Caçador de Pipas, de início, era um conto longo, quer dizer, o autor pensava assim.

Com uma conversa aqui, outra acolá, ele acabou percebendo que tinha material suficiente para transformar em um romance. E foi o que fez. Claro que o material que Khaled Hosseini havia escrito não era bem um conto, eram exercícios de cena e etc. Pois como diz Antônio Cândido, um conto é irreversível, assim como a novela e o romance. Mas foi conversando com um e com outro que Hosseini percebeu o que realmente tinha em mãos. Philip Roth sempre consulta os amigos, e principalmente, sua esposa. Enfim! Resolvi um grande entrave de um dos meus livros conversando com um dos meus amigos escritores, mas a melhor ideia/solução partiu mesmo da moça que toda semana cuida da minha casa. Putz... Ela disse, “não, esse cara num pode fazer isso, porque isso e isso... e porque aquilo, nãaaaoooo”. Batata. Câmara Cascudo dizia: Só mostre suas feridas àqueles que podem curá-las. Eu prefiro mudar isso, e dizer que: só não mostre suas feridas àqueles que não podem abri-las ainda mais.

Quinto passo - Nunca esgote uma ideia numa tacada só. Hemingway dizia que só parava de escrever, só ia mesmo para a cama quando sabia o que ia escrever no dia seguinte. Quando sabia como continuar exatamente de onde parou. Portanto, faça à escrivanhinha o que algumas pessoas fazem à mesa: não coma tudo, não coma muito. Saia com a sensação de que poderia ter comido um pouco mais... Entende?

Sexto passo - Saia do seu círculo de amigos e conheça outras pessoas, outros lugares. Entre em botecos, ande de ônibus, metrô, a pé, entre em bicos, visite presídios, favelas, mansões, faça alguma coisa que você nunca fez. Viva várias vidas numa só. Viva suas vidas possíveis e impossíveis... Viaje, conheça povos, cidades, ruínas. Isso lhe trará ideias, experiências, e no mínimo muitas histórias pra contar.

Sétimo passo - Não escreva para ganhar prêmios. Escreva por escrever. Se o que você escreve tiver qualidade, os prêmios virão, e eles são importantes, sim. Se Sartre ao ganhar o Nobel não foi buscá-lo, o rejeitou, é porque devia estar com alguma crise existencial. Prêmios não são fins, são meios. Eles tornam o autor e seu respectivo livro conhecidos, despertam a curiosidade do leitor, aumentam as vendas, e estimulam a produção literária... Enfim, diversas outras coisas. Mas quem escreve pra ganhar prêmios ainda não é um escritor, ainda não entendeu nada.

Oitavo passo - Se você é um escritor prolixo, sem pena, mande a maior parte do que escreve pro-lixo. Ouça Quintana. Ele dizia que o autor só deve publicar vinte por cento do que escreveu até então. Se você já tem mil páginas escritas, terá aí, aproximadamente, um livro de duzentas páginas, mas aconselho a cortar ainda mais. Hemingway disse que o teste de qualquer livro é a quantidade de coisas boas que você pode jogar fora. Bom, diga o que tem o que dizer, e ponto final. Não encha a paciência do leitor e nem o subestime. Vá por mim, corte.

Nono passo - Quando, enfim, terminar de escrever o seu livro. Quando o tiver revisado – e isso é um trabalho de Sísifo – envie-o para algumas editoras. A maioria delas leva em média seis meses para dar um parecer, outras nem respondem. Mas antes de enviar seus originais, procure conhecer o perfil de todas elas. Assim não correrá o risco de enviar a sua antologia de

contos, poemas, crônicas ou até mesmo seu romance a uma editora que só edita originais acadêmicos, didáticos, científicos, infantis e outros do tipo. Entende? Outra coisa, não atire para todos os lados: não envie seus originais para todo mundo. Gente do meio, do universo do livro, detesta isso. Não por falta de vontade, interesse, ou por egoísmo, mas por falta de tempo mesmo. Muitos deles geralmente se encontram mergulhados em diversos compromissos. O prazo, às vezes, pode tornar-se um pesadelo. Uma saída é enviar seus originais a concursos. Existem vários. E, depois de publicados, existem outros tipos de concursos. Participe de todos eles. Participe de antologias (mas nunca pague para fazer parte delas). Se estiver ansioso, segure a onda, não se autopublique. Eu sei da vontade que é ver logo o livro nas mãos. Mas isso dura pouco. O livro chega da gráfica/editora, você corre a algum lugar e dá gritinhos abafados, ... Meu livro, meu livro... Lindo, lindo. Você o abrirá por diversas vezes, até dará alguns beijinhos, e lerá por diversas vezes o seu nome na capa, mas como disse, isso dura pouco. Um livro fechado é só um livro fechado. Ele precisa encontrar o leitor, vários, de preferência, senão é apenas um livro que já nasce morto. Para encontrar o leitor ele tem que ser distribuído, divulgado, comentado, rotulado, carimbado, se quiser voar, e infelizmente a maioria das pequenas editoras não possui esse esquema mercadológico e fundamental ao livro. Mas se você não se importa com isso. Se quiser apenas presentear os amigos, a namorada, o namorado, os netos, sei lá... Pode ser um caminho. Hoje há várias editoras que trabalham por demanda. E muitas delas são sérias, competentes no ofício. O negócio parece simples: faz cem, vende, faz mais cem, e assim vai. É um jeito de equilibrar os dois lados: editor/autor. Isso evita o encalhe - se livrar de mil livros é mais difícil que se livrar de um cadáver - e o investimento inicial - dependendo do projeto - não é muito alto. Mas pense, isso são apenas ideias, possibilidades, caminhos, jeitos e maneiras, porque sei que o sonho do autor ainda é fazer parte do time de uma grande editora. Ser bem editado. Uma grande editora tem lá também os seus contratemplos, mas mesmo assim ainda é o melhor caminho.

Décimo passo - Não acredite em dez passos para isso, ou para aquilo e muito menos para se tornar um escritor perfeito. Reza a lenda (sei, é um clichê, mas cabe muito bem aqui) que o decálogo que Deus escreveu foi quebrado, e assim Ele teve que fazer outro. Isso dá a entender que o povo não o seguiu. Então, esqueça tudo o que escrevi aqui e faça outro. Faça o seu. O seu decálogo. A literatura, a escrita, são organismos vivos e pulsando sempre. A Grécia antiga não dava muita bola para elas, nós pensamos diferentes e amanhã outros pensarão de outros jeitos. Tudo o que foi, é e será dito acerca da escrita, da literatura, será só e somente conceito. Verdade absoluta só funciona com quem já morreu, e olhe lá.

REYNALDO BESSA (SÃO PAULO-RIO GRANDE DO NORTE) - Músico, escritor e poeta. Já lançou cinco CDs. O mais recente com músicas suas sobre diversos poemas de autores como: Drummond, Leminski, Auta de Souza, Alphonsus de Guimaraens, Fabrício Carpinejar, Alice Ruiz, entre outros. Em 2008 lançou seu primeiro livro "*Outros Barulhos - Poemas*" (Prêmio Jabuti 2009 - Poesia). Em 2011 lançou seu livro de contos "*Algarobas Urbanas*". (editora Patuá). Pela Rubra Cartoneira Editorial (Londrina-PR), publicou o seu terceiro livro, "*Não tenho pena do poema*" (o segundo de poesia). Seu mais recente livro é "*Cisco no olho da memória - poemas*" (Terracota editora/Selo Musa Rara) - 2013.